

## Endinheirados estão deixando menos dinheiro no banco

Segundo a consultoria Boston Consulting Group, chegada de novos competidores, como corretoras, fintechs e fundos de startups está mudando a riqueza do brasileiro de lugar

Por **Adriana Cotias, Valor** — São Paulo

10/07/2019 05h11 · Atualizado há 8 meses



Foto: Getty Images

Um aspecto mais estrutural que deve mudar as forças da gestão de riqueza no Brasil é a chegada de novos competidores, como corretoras, empresas de tecnologia financeira (“fintechs”) ou fundos de “venture capital” (de empresas nascentes), segundo André Xavier, líder da prática de instituições financeiras da Boston Consulting Group (BCG) no Brasil. São iniciativas que vêm abocanhando um pedaço dos recursos dos investidores mais afortunados, que antes costumavam concentrar o dinheiro nos serviços de “private banking”.

**Se antes a média de patrimônio do topo da pirâmide mantida nos bancos era de R\$ 15 milhões, atualmente ele calcula algo entre R\$ 9 milhões e R\$ 10 milhões.**

“Às vezes era o mesmo banco de relacionamento da empresa. Hoje em dia, o cliente vai manter a parcela principal no private banking, mas o Tesouro Direto numa corretora, alguma coisa em robô [advisory] e o investimento no exterior com outro provedor que não brasileiro”, acrescenta Xavier.

É por essa razão, acrescenta, que a briga tem se tornado mais ferrenha pelo público afliente, com patrimônio financeiro entre US\$ 250 mil e US\$ 1 milhão. É nessa ponta menos internacionalizada que o grau de competição aumentou com plataformas como XP, Órama, Guide ou Easynvest, e que era originalmente atendida pela rede de agências dos bancos de varejo, descreve o executivo da BCG.

“A grande questão estratégica é que o patrimônio pode crescer, ter R\$ 3 milhões. [Se eu sou o banco], como faço para não perder esse ‘feed’, como conquistar cliente enquanto ele ainda não é um private, e é um “Personnalité” [do Itaú] ou um “Prime” [do Bradesco]?”, questiona Xavier. “Se começo a perder o cliente para a corretora, não tenho como fazer o arrasto e tombá-lo para o private depois.”

---

## Tendência global

Não só no Brasil, mas a indústria de gestão de patrimônio no mundo todo vem se reinventando por pressão das novas tecnologias, diz Michael Van Dijk Gagliardi, sócio da boutique de investimentos G5 Partners.

“Identificamos essa tendência cedo e conseguimos responder a ela. É um ponto importante, com a chegada das fintechs e o uso da inteligência artificial para a gestão de patrimônio. A gente já vem incorporando novas tecnologias nos últimos anos”, afirma.

Como exemplo, ele cita que a gestora tem um aplicativo que consolida diversas informações da carteira do investidor, com atualização praticamente em tempo real. **“Quem não tiver esse tipo de atitude vai ficar para trás.”**

Como atende o cliente de alto patrimônio, a partir de R\$ 10 milhões, a inovação não anula a necessidade de estar próximo do cliente, afirma Gagliardi. É na segmentação abaixo disso, de até R\$ 5 milhões, que ele acha que a presença das novatas de tecnologia financeira tem incomodado mais.

**Mais endinheirados** - Na faixa central, entre R\$ 4 milhões e R\$ 20 milhões, Xavier, da BCG, diz ser o público mais blindado dos ataques da concorrência, enquanto na linha acima de R\$ 100 milhões, a competição tem sido dura, principalmente pelo embate entre estrangeiros como Credit Suisse, UBS ou Julius Baer (dono da GPS e da Reliance) e os grandes locais, como Itaú e Bradesco, que vêm ampliando a sua estrutura internacional. O especialista vê todos os competidores empenhados em se adaptar o modelo de serviços ao digital.